

"Mas a Coréia procedeu certo"

por Sônia Jourdani
de São Paulo

Ao senador Roberto Campos, ex-ministro e ex-embaixador do Brasil em Londres, coube comentar a conferência que o professor, banqueiro e também ex-ministro Mário Henrique Simonsen pronunciou ontem no encerramento do encontro "Alternativas de Reestruturação Econômica Mundial". As primeiras observações de Campos foram para enfatizar que ele e Simonsen, sendo "dois escravos da lógica", não divergem nos pontos principais.

Em seguida, porém, o senador passou a questionar algumas das colocações feitas na conferência, mostrando terem ficado intocados problemas de ordem estrutural não dependentes de uma solução externa. "Alguns países não são insolventes, são inviáveis", disse Roberto Campos, assinalando que a chave para a identificação desta diferença não está apenas no tipo de programa de ajuste a que estes países são submetidos, mas na forma com que são aplicados e por quem são aplicados.

Roberto Campos deixou a sutileza de lado e entrou firme numa comparação entre o processo de reabilitação econômica dos países do Leste asiático e o encaminhado aqui. No Brasil, de acordo com o senador, as explicações para nosso ingresso no clube dos insolventes sempre foram dadas ao abrigo do guarda-chuva protetor dos choques do petróleo, da recessão mundial, etc.

"Esses problemas atingiram praticamente todas as nações, desenvolvidas ou não, umas mais e outras menos", afirmou Roberto Campos. E acrescentou que, se algumas saíram mais cedo do buraco foi graças à aplicação de políticas mais coerentes de incentivo à exportação — "vendem o que produzem com eficiência" —, menor ênfase à substituição de importações e uma inteligente troca dos empréstimos pelo capital de risco, via abertura do mercado.

"Preferimos ter credores cruéis do que sócios complacentes", sentenciou o senador, sem perder a oportunidade de criticar as restrições impostas pelo Brasil à remessa de lucros ao exterior. Isso, segundo

ele, desestimula o investimento estrangeiro e deixa o País entregue aos bancos para suprir suas necessidades de aporte de capital.

A DIFERENÇA

A resposta às observações de Campos partiu do professor Rudiger Dornbusch, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), que lembrou as diferenças existentes entre nações asiáticas semi-industrializadas e um país como o Brasil. Ele invocou sua experiência na Coréia para mencionar que apenas a elevação dos preços das commodities abriu ao país a possibilidade de emergir da crise.

Roberto Campos foi rápido em dar o troco a Dornbusch: "A Coréia importa-

va mais petróleo que o Brasil, e mesmo com a receita de exportação enfraquecida pelos deprimidos preços das commodities, conseguiu contornar rapidamente seus problemas".

As comparações poderiam ser estendidas por mais tempo se Simonsen não tivesse colocado ponto final na troca de idéias entre Campos e Dornbusch com um argumento simples e conclusivo: a diferença fundamental é a atitude dos ocidentais e orientais, estes com uma capacidade de adaptação tão potencializada que torna possível a imposição, sem resistências, de cortes nominais nos salários. "São características sociológicas muito especiais", arrematou o professor.